



## **Os adultos também aprendem: o lugar das crianças na formação de professores das infâncias**

**Ana Cristina Corrêa Fernandes<sup>1</sup>**

**Andréa Relva da Fonte G. Endlich<sup>2</sup>**

**Adriana Santos da Mata<sup>3</sup>**

### ***Eixo temático: 7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores***

**Resumo:** Partilha-se uma história de formação de discentes do curso de Pedagogia com o intuito de contribuir com o processo de constituição do(a) professor(a) das infâncias, enfrentando o desafio de articular teoria e prática. Projetos formativos tomaram a produção de narrativas escritas como oportunidade de autoconhecimento e de ser conhecido pelos outros com seus (não) saberes. Registros escritos constituem contextos férteis para que se descubra a experiência que toca, e amplia a consciência em relação ao outro, em um movimento reflexivo, investigativo e fundante de revisitações. Na formação identitária docente, o refinamento do olhar sobre si para se constituir professora-pesquisadora (ESTEBAN; ZACCUR, 2002) mostra-se de suma importância. O diálogo sobre os registros valoriza o lugar da escrita enquanto processo formativo autoral, criando condições para o debate sobre temáticas e proposições referentes à Educação Infantil. As narrativas revelam os saberes infantis, as crianças em suas diferenças e o encantamento das crianças com o mundo, bem como a aprendizagem que se faz e se mostra nas relações cotidianas (CERTEAU, 1994). A postura investigativa das estudantes favoreceu o encontro do desconhecido, de sutilezas (GINZBURG, 1989) e convocou a ocupação de lugar de protagonistas do cotidiano educativo como sujeitos responsáveis pela ação pedagógica. A problematização dos registros, em uma relação dialógica (FREIRE, 1996), convocou a “quebra de engessamentos” sobre concepções de infância, desenvolvimento, linguagem, conhecimentos infantis e possíveis lugares do (a) professor (a) das infâncias.

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni/UFF). Contato: [acriscf@gmail.com](mailto:acriscf@gmail.com)

<sup>2</sup>Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni/UFF). Contato: [relvaendlich@gmail.com](mailto:relvaendlich@gmail.com)

<sup>3</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni/UFF). Contato: [addamata@hotmail.com](mailto:addamata@hotmail.com)

**Palavras-chaves:** Educação Infantil Universitária; Formação Docente; Registros Docentes

## **Introdução**

Relatamos uma história de formação com o intuito de contribuir com o processo de constituição do(a) professor(a) das infâncias. O título<sup>4</sup> inspira a reflexão sobre a experiência com estudantes do curso de Pedagogia vinculados a Projetos de Iniciação à Docência<sup>5</sup>, nos quais o trabalho com a escrita reflexiva assume centralidade. As descobertas decorrentes das vivências nos projetos se alicerçam na relação instaurada entre graduandos, docentes e crianças, no cotidiano da Educação Infantil de um colégio universitário.

O lugar dos adultos em processos formativos – discentes e docentes na Educação Infantil – é ressignificado na relação com o lugar das crianças, a partir do registro de episódios cotidianos. O vivido reverbera na condução do trabalho pedagógico e na constituição da identidade de professor(a) de crianças pequenas.

Os projetos que trazemos como referência (FERNANDES; ENDLICH; MATA, 2022; ENDLICH; FERNANDES, 2022) nascem do desejo de encontrar caminhos para formação de pedagogos com foco na docência de/com crianças pequenas, enfrentando o desafio de articular teoria e prática, rompendo com a dicotomia que, muitas vezes, é percebida e apontada tanto por docentes da educação básica como por estudantes do curso de Pedagogia.

A distância entre o mundo da experiência e o mundo dos estudos acadêmicos, e a vivência diária que pulsa e colore na aproximação entre esses mundos, impulsionam a construção de um trabalho de formação na busca por diálogo, na relação compreensiva entre os mundos da teoria e da prática. Nesse percurso, busca-se viver o cotidiano (CERTEAU, 1994) da Educação Infantil contribuindo com dissolução da polaridade dicotômica que insiste em habitar as instituições educativas.

Os projetos formativos foram estruturados tendo a produção de narrativas escritas pelos docentes de Educação infantil e discentes de graduação e a escrita de si como possibilitadoras do processo de autoconhecimento e da oportunidade de ser conhecido pelos outros com seus saberes e não saberes. A partilha dos registros promove um potente

---

<sup>4</sup> Parafrazeamos a obra de INFANTINO, Agnese. **As crianças também aprendem: o papel das pessoas adultas na Educação Infantil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

<sup>5</sup> Projetos: *Registros como instrumentos de investigação da prática pedagógica na Educação Infantil do Coluni/UFF* (FERNANDES; ENDLICH; MATA, 2022) e *Leitura, escrita e oralidade com crianças da Educação Infantil do Coluni-UFF* (ENDLICH; FERNANDES, 2022) – contemplados com bolsas para estudantes de Pedagogia no Programa Licenciaturas da Divisão de Prática Docente da Universidade Federal Fluminense (Niterói/RJ).

movimento de convicção do sujeito que tem algo a partilhar e da percepção que a docência é *práxis* em construção (FREIRE, 1996), cuja provisoriedade é um princípio e a escrita é um suporte.

Registrar para dizer da experiência pessoal, dos pensamentos sobre si, do que foi instigado a falar, o que valorizou no seu olhar, do que inquietou e/ou provocou dúvidas na relação com a criança, potencializa o diálogo formativo com a educação vivida e com a vida além da profissão. Registrar, pela escrita, constitui contextos férteis para que se descubra a experiência que toca, e amplia a consciência em relação ao outro, em um processo reflexivo, investigativo e fundante de revisitações. Articulam-se, assim, práticas e teorias que favorecem compreensões das crianças enquanto sujeitos de direitos, singulares, constituídas e constituidoras do/no mundo de culturas.

Na formação identitária docente, o processo de refinar o olhar sobre si, de constituir-se professora-pesquisadora (ESTEBAN; ZACCUR, 2002) – aquela que se propõe a pensar alternativas para impasses enfrentados com as crianças e o contexto educativo, partindo dos seus saberes e fazeres – mostra-se de suma importância. Vivenciar a professora-pesquisadora que indaga sua prática, a atualiza e a ressignifica pela teoria, retornando à prática.

O movimento coletivo e individual, alicerçado nos registros escritos das experiências, atua no fortalecimento da profissão docente e na compreensão de que na instituição educativa se cria conhecimento. Pensar e atuar formativamente, tendo a escrita como aliada, implica, necessariamente, compreender aspectos da formação de graduandos que, por vezes, possuem uma relação desafiadora com a escrita e se mostram receosos em escrever e apresentar seus textos.

Logo nos primeiros encontros, ao solicitar às estudantes registros de episódios cotidianos, era comum ouvir indagações do tipo: "*Como registrar?*", "*Registrar o quê?*", "*Como escrever?!*". Antes da leitura de algum registro, seguia-se o comentário, como um pedido desculpas: "*Não sei se escrevi direito*" ou "*Não sei escrever bem*". A compreensão sobre o modo como estudantes adultos se relacionam com a escrita remete à ponderação de Smolka (2001, p. 69):

O problema, então, é que a alfabetização não implica, obviamente, apenas a aprendizagem da escrita de letras, palavras e orações. Nem tão pouco envolve apenas uma relação da criança com a escrita. Alfabetização implica, desde a sua gênese, a construção de sentido. Desse modo, implica, mais profundamente, uma forma de interação com o outro pelo trabalho de escritura – para quem eu escrevo, o que escrevo e por quê? A criança pode escrever para si mesma, palavras soltas, tipo lista, para não esquecer, tipo repertório, para organizar o que já sabe. Pode escrever, narrar, dizer... Mas essa escrita precisa ser sempre permeada por um sentido, por um desejo, implica ou pressupõe, sempre um interlocutor.

Smolka (2001) afirma que, no trabalho com crianças em alfabetização, a escrita precisa se constituir como uma forma de interação com o outro, o que pressupõe sempre um interlocutor. Seria diferente com os adultos ao serem convidados a escrever sobre suas experiências no cotidiano da Educação Infantil? Quais sentidos encontram para narrar-se e narrar episódios?

Revisitar registros tem gerado questionamentos críticos fundantes na relação de educar e cuidar – processos indissociáveis na Educação Infantil. Ademais valoriza o lugar da escrita como processo formativo autoral, criando condições para o debate sobre temáticas e proposições referentes à docência. O convite se estende para compreensões conceituais, de modo amplo, articulando diálogos do vivido com estudos teóricos, construindo sentidos e significados do observado.

A vida dos estudantes é marcada por diferenças, pela pluralidade cultural, social, econômica. Diferenças que apontam para a necessária mudança no modo como historicamente se compreende o trabalho educativo e o mundo das crianças pequenas.

Narrar e narrar-se, por vezes, apresenta-se como um desafio, visto que as possibilidades de expressão estão intimamente ligadas às trajetórias singulares dos estudantes. A experiência da observação em diálogo com escrita autoral ganha forma enquanto *espaçotempo* de formação e produção de conhecimento.

## **2 O trabalho de formação e seus fundamentos**

Registrar episódios vividos com as crianças e/ou observados entre elas e entre elas e os adultos, com vistas a dialogar com as professoras e os outros estudantes, foi fundamental para a formação dos futuros docentes, favorecendo a reflexão sobre as próprias observações e a complexidade de uma instituição educativa.

Os projetos fomentaram olhar a presença e as possibilidades do trabalho com a linguagem oral e escrita em práticas cotidianas, considerando a importância de os estudantes conhecerem as crianças, suas realidades, seus diferentes saberes, as diferenças individuais, culturais e sociais para pensar sobre a dinâmica pedagógica. O modo como os aspectos se evidenciaram no cotidiano estão conectados a uma trama educativa e organizativa do fazer docente.

Partilham-se registros de uma estudante<sup>6</sup> que elegeu a roda de conversa nas práticas diárias com as crianças como uma importante vivência.

A roda de conversa é uma proposta na qual as crianças da Educação Infantil do Coluni/UFF ficam circunscritas em um espaço de diálogo, onde se expressam e aprendem em conjunto. Ali partilham suas vidas, experiências, conhecimentos e desconhecimentos, travam combinados, dialogam e resolvem conflitos. As crianças são incentivadas a expressarem suas ideias em um exercício de escuta do(s) outro(s), em um movimento de relação com as diferenças (CHAVES, p.4-5, 2023).

As reuniões de estudantes e professores para leitura de episódios, partilhas de observações, estudo, avaliação e planejamento das ações, instigaram temáticas determinantes para a formação, como aponta o registro a seguir.

[...] Ainda na roda, a professora retoma o texto coletivo sobre o tema escola que estão produzindo: “Era uma escola linda e divertida; as crianças fazem brincadeiras...” [...] A professora fala que os textos ficarão guardados em uma pasta de escrita coletiva. [...] Convida o grupo a dar um nome para o texto. Alex sugere: “A história do Grupo Verde”; Maria Clara dá outra ideia: “Sereia na flor”; Ana Laura traz outra contribuição: “Eu amo a escola” e outra criança ainda entoa: “Pérola.” A professora reflete com o grupo a relação do título com o tema escola e o texto produzido. Imediatamente, Serena defende o título “Sereia na flor”, sob o argumento de que a escola fica na Baía de Guanabara e no fundo do mar tem sereia com flor. Alex diz que o título “Pérola” é porque na Baía de Guanabara tem concha, que pode ter pérola. Ele também propõe fazer uma votação para a escolha do título. [...] (Caderno de registro da estudante Cleide Chaves, setembro de 2022).

O processo discursivo observado na roda de conversa dá visibilidade às muitas possibilidades de articulação entre crianças, seus saberes e experiências culturais. A roda de conversa, enquanto *espaçotempo* de elaboração e criação do grupo, torna visível as articulações dos pequenos, seus modos singulares de significar e de produzir conhecimentos, em relações educativas. Nesse sentido, o registro da estudante provocou diálogos sobre a presença do trabalho com a oralidade e como ele interfere na constituição dos sujeitos de pouca idade.

O exercício das crianças na construção de argumentos para defesa de seus pontos de vista, a partir de suas experiências de vida, desvela-se na leitura e problematização desse registro. Situação que mais uma vez me faz pensar sobre o lugar das crianças na dinâmica pedagógica e como incorporam a prática democrática da votação para escolhas coletivas (CHAVES, p.5, 2023).

---

<sup>6</sup> Discente que atuou como bolsista de Prática Discente no projeto *Leitura, escrita e oralidade com crianças da Educação Infantil do Coluni-UFF*, no segundo semestre de 2022.

Em outro episódio, narrado por outra estudante<sup>7</sup>, ganham visibilidade saberes e formas de compreensão de crianças de 2 anos.

O Grupo Azul estava no parque do balanço no horário de acolhimento, quando, de repente, apareceu um cachorro. Bruno logo correu para a grade para ver. Animado com a aparição do pequeno animal, começa a chamar todo mundo para ver também. Tiago e Carlos surgem para acompanhá-lo, e os três ficam cada vez mais eufóricos. Para a alegria deles, mais três cachorros surgiram, e eles fizeram a festa, se revezando entre imitar os cachorros e fazer perguntas uns para os outros.

Tiago: “Por que aquele é menor que os outros?”

Bruno: “Porque ele ainda é bebê, igual a Carlos, ué!”

Então, os três começam a gritar: “Cachorroooo!!”; “A gente está aqui!”; “Cachorroooo!!!! (Caderno de registro da estudante Adriene Souza, junho de 2022).

A cena, aparentemente singela, remete à complexidade da infância que vislumbra, no cotidiano, situações (por vezes) inaugurais de percepção do mundo.

A sensibilidade profissional tem possibilitado a compreensão da criança em sua inteireza, e sobretudo o lugar docente na trama relacional com as crianças em suas interações com colegas e o meio. Como experiências estéticas se enredam com experiências cognitivas, colocando em jogo funções como memória, atenção, representação, entre outras?

O registro levou a equipe a refletir sobre a pertinência de um trabalho com o sensível na dinâmica pedagógica com crianças pequenas. Experiências de aprendizagem acontecem em diferentes momentos na Educação Infantil, todavia nem tudo é prescrito, controlado, ordenado de fora para as crianças. Há de se ter escuta para as diferentes expressões infantis, para seus desejos e necessidades.

Os episódios partilhados possibilitam a articulação da ação educativa e da vivência do processo formativo do(a) professor(a) das infâncias. As narrativas, problematizadas junto às professoras e demais estudantes, revelam os saberes infantis, as crianças em suas diferenças e o encantamento das crianças com o mundo, bem como a aprendizagem que se faz e se mostra nas relações cotidianas.

A postura investigativa das estudantes favoreceu o encontro com o desconhecido. Ginzburg (1989, p. 100) ajuda a localizar sutilezas, a ampliar compreensões e produzir significados “que requerem minucioso exame do real, ainda que corriqueiro”. Assim, a ação educativa se imbuí do entendimento da potência infantil, que pode ter o “paradigma indiciário” (*idem*) a conduzir visibilidades sobre o lugar das crianças e dos adultos na dinâmica pedagógica.

---

<sup>7</sup> Discente que atuou como bolsista de Prática Discente no projeto *Registros como instrumentos de investigação da prática pedagógica na Educação Infantil Coluni-UFF*, em 2022.

### **3 Resultados e Discussão**

Escrever sobre a própria experiência não é uma tarefa simples e nem sempre prazerosa seja para discentes ou para docentes. Contudo, a escrita acompanhada da reflexão, em especial no coletivo, constitui importante contributo para um conhecimento melhor de si e da assunção da autoria do fazer partilhado. Busca-se compreender, com o outro, as próprias atividades como processos discursivos (GOULART; GONTIJO; FERREIRA, 2017), ensejando o desafio político-pedagógico de construção de autores da história por estudantes, professores e crianças.

Destaca-se, na experiência com as estudantes, a discursividade dos momentos de partilha dos episódios e a postura investigativa com/no cotidiano das instituições educativas. Mostrou-se a necessidade da mobilização pedagógica, e também referente às condições, aos recursos e às posições que beneficiem de fato as crianças. O registro convocou a criação de escritores e a ocupação de lugar de protagonistas no cotidiano educativo como sujeitos responsáveis pela ação pedagógica em curso e da sua formação.

No caminho construído, para além da reflexão sobre o vivido com crianças e adultos, sobre o como expressar esse vivido pela linguagem escrita, comprovou-se que a interação e a linguagem fazem parte do processo de construção do conhecimento.

### **4 Considerações Finais**

O ato de escrever e refletir sobre os registros refinam o olhar, promovendo um diálogo com o fazer docente e um interrogar entendimentos e pedagogias.

As mediações formativas, a partir dos registros escritos, se constituem como descobertas e produção de sentidos e de conhecimento. A escrita assume lugar de ancoragem, de promoção de compreensões dos modos de pensar e agir das crianças, em seus processos de aprendizagem, desenvolvimento e apropriação do mundo. Favorece que o(a) professor(a) tome para si o direito da condução do seu trabalho.

A escrita ocupa lugar central, uma vez que possibilita revisitar o fazer docente no cotidiano junto aos pequenos, e ainda amplia a visibilidade das crianças e de seus percursos. Tal processo, em movimentos circulares dialógicos, promove aprendizagens para os adultos envolvidos na ação educativa.

Os registros de episódios cotidianos pelas estudantes provocam aprendizagens, indicando o que não se mostra através de evidências. O trabalho com a problematização dos

registros, em uma relação dialógica, convocou a “quebra de engessamentos” sobre concepções de infância, desenvolvimento, linguagem, conhecimentos infantis e possíveis lugares do (a) professor (a) das infâncias.

Registrar como prática investigativa é fundante para a constituição de professor(a) das infâncias. Revisitar registros institui processos formativos e educativos, articulando práticas e teorias que favorecem a compreensão da criança enquanto sujeito de direitos, com especificidades próprias no seu desenvolvimento.

## **Referências**

- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAVES, C. S. **Brincadeira e roda de conversa na Educação Infantil do Coluni/UFF**. Relatório final apresentado ao Programa Licenciaturas da Divisão de Prática Discente, Pró-Reitoria de Graduação, Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2023.
- ENDLICH, A. R. F.; FERNANDES, A. C. C. **Leitura, escrita e oralidade com crianças da Educação Infantil do Coluni-UFF**. Projeto apresentado ao Programa Licenciaturas da Divisão de Prática Discente, Pró-Reitoria de Graduação, Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2022.
- ESTEBAN, T. e ZACCUR, E. **Professora-pesquisadora: uma prática em construção**. Rio de Janeiro: D&PA, 2002.
- FERNANDES, A. C. C.; ENDLICH, A. R. F.; MATA, A. S. da. **Registros como Instrumentos de Investigação da Prática Pedagógica na Educação Infantil do Coluni/UFF**. Projeto apresentado ao Programa Licenciaturas da Divisão de Prática Discente, Pró-Reitoria de Graduação, Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOULART, C. M. A; GONTIJO, C. M. M.; FERREIRA, N.S.de A. (Org.). **Alfabetização como processo discursivo: 30 anos da criança na fase inicial da escrita**. São Paulo: Cortez, 2017.
- INFANTINO, A. **As crianças também aprendem: o papel das pessoas adultas na Educação Infantil**. São Carlos: Pedro& João Editores, 2022.
- SMOLKA, A.L. B. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. 10 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.



